



## ÉTICA E ALTERIDADE NO PENSAMENTO DE EMMANUEL LEVINAS

Helton Luiz Wachholz de Souza\*

André Felipe Belmirio\*\*

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo apresentar o pensamento do autor Emmanuel Levinas na visão da alteridade. Sua ética que tem como ponto importante a responsabilidade em relação ao outro e esta responsabilidade é fundada antes mesmo do sujeito se constituir como um ser consciente. Para Levinas, a ética é filosofia primeira, na qual afirma que o outro mostra o verdadeiro eu, o outro é tudo o que eu tenho. O autor afirma que o outro é diferente de mim e que esta diferença me acrescenta, me modifica, me renova. O outro me traz algo de novo. O ser humano sempre é o diferente, sendo assim impossível de ser conhecido.

**Palavras-chave:** Alteridade. Ética. Levinas. O outro.

### Introdução

Este trabalho tem por objetivo demonstrar pontos positivos da filosofia da alteridade e da ética do filósofo Levinas. Podemos afirmar que na filosofia de Levinas há três pontos da identificação da filosofia da alteridade, em primeiro é ter consciência do próximo; no segundo é necessário saber que o próximo existe; e no terceiro é fundamental se colocar no lugar do outro. Os princípios da sua ética sempre se partem do outro, sendo que o outro é condição do eu, ou seja, o outro vem antes, sou consequência do outro ser. Uma das frases mais conhecida do autor é ‘o outro é infinitamente o outro’, demonstrando que nunca eu o alcançarei e nem compreenderei o outro, o que eu sei sobre ele, o outro, nunca vai ser o que realmente ele é.

A ética, para Levinas, é aquela que me faz saber quem o indivíduo é, pois não posso substituir ou falar por ele. Já a moral é a filosofia primeira, ou seja, não precisa de uma filosofia da consciência para fundamentar e construir o eu para depois construir e fundamentar a ética. Alguma coisa me interpela e me obriga a ser responsável por tal. Eu sou responsável

---

\* Acadêmico do oitavo semestre do Curso de Filosofia da Faculdade Palotina FAPAS. E-mail: [heltonlws@hotmail.com](mailto:heltonlws@hotmail.com)

\*\* Acadêmico do quarto semestre do Curso de Filosofia da Faculdade Palotina FAPAS. E-mail: [andrefelipe\\_f42@hotmail.com](mailto:andrefelipe_f42@hotmail.com)

pelo outro num puro desinteresse. Logo, a moral é heterônoma e se constitui longe da consciência logicista.

Será apresentada uma preocupação de responder quem é o outro, tendo dois aspectos; o primeiro na busca de uma igualdade em um espaço de convívio com as diferenças, podendo assim acrescentar na identificação e na construção do eu; no segundo é uma visão que o outro deve se tornar naquilo que o eu deseja ou que eu gostaria que eu fosse.

## 1 A tradição filosófica do ser

Toda a tradição filosófica nada mais foi do que a preocupação com o *eu*. Um *eu*, individual e autossuficiente; marcado pela busca do fundamento da subjetividade. Segundo Levinas, o *eu* sempre dominou sobre o *outro*, sempre transformou este último em objeto.

Para os gregos a explicação do eu se encontrava no *cosmos*, sendo este marcado com universo ou natureza. Neste período o outro deve agir conforme seu lugar no *cosmo*, havendo umas hierarquias baseadas na virtude ou nas faculdades da alma. Logo, “a tematização e conceptualização, aliás inseparáveis, não são paz com o *outro*, mas supressão ou posse do *outro*” (LEVINAS, 1980, p. 33). E “o ser que persevera no ser, o egoísmo ou o mal, delinea assim a dimensão mesma da baixeza e o nascimento da hierarquia. Já começa a bipolaridade axiológica” (LEVINAS, 1993, p. 100). Levinas desenvolve uma crítica à tradição demonstra já sua pretensão de tomar outro rumo, de romper a bipolaridade dominante entre o *eu* e o *outro*.

No período medieval, principalmente na ascensão do cristianismo o foco do subjetivismo mudou, sendo Deus o fundamento primordial. O modo de agir, ou seja, sua ação ética é voltada para a vontade de Deus, sendo Ele o cuidador ou o zelador da vida do homem. Sendo assim, o *outro* ainda não é a referência de meu modo de ser e em uma preocupação, mas somente Deus.

No pensamento cristão, também se desenvolve uma individualidade, pois cada ser tem sua missão e a única igualdade é que somos todos filhos de um mesmo Deus. Segundo a tradição, devemos amar sempre o próximo, mas este amor não está no *outro*, pois o devo amar, pois Deus é o fundamento primeiro, como afirma na Sagrada Escritura: ‘Porque o amor é de Deus; e qualquer que ama é nascida de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus; porque Deus é amor’(JOÃO, 2002, p.2131).

Com o surgimento de novos filósofos como Descarte, Berkeley, Espinosa e Kant; dá-se o surgimento da modernidade. Seu embasamento é conhecido, pois tira o *cosmos* e Deus

não podendo mais servir como fundamento da moral. Em seu pensamento é o homem o centro de toda a discussão, somente ele tem a sabedoria de resolver as coisas obscuras, é o mesmo que ter o poder de decidir o certo e o errado. O *outro* na modernidade é o que atrapalha a vida do *eu*, é o que tira a liberdade, pois uma das frases mais conhecidas da modernidade é que minha liberdade termina quando começa a liberdade do outro.

Levinas acredita que: “a posse é a forma por excelência sob a qual o Outro se torna o Mesmo, tornando-se meu”. (LEVINAS, 1980, p. 33). O autor avalia que durante um grande período o *eu* foi o dominador sobre o *outro*, de forma que o *outro* não aparece na sua autêntica alteridade porque o *eu* assim não o permite. Levinas percebe que o *eu* torna o *outro* eu. Esse sistema é perverso e pode gerar implicações políticas ideológicas, como ocorreu na Segunda Guerra, no nazismo em Auschwitz, tendo como centro a dominação totalitária, conceitual do *eu* sobre o *outro*. Nesses casos, o *outro* se torna o objeto da relação sujeito e objeto, o qual, seguindo a esteira cientificista, é passível de experimentação, visto ser um simples objeto.

Para tentar mudar esta perspectiva, o filósofo traz sua proposta que é fundamentar a ética muito antes de a própria consciência saber-se como tal. Porém, como entender a relação ética, sem objetivar o *outro*, utilizando-se como ponto de fundamento o *eu* consciente, o *eu* pensante? Para Levinas, há algo *aquém* da consciência, algo que não depende de nossa escolha, algo anterior a tudo, chamada pelo filósofo de “passividade”. E essa passividade é própria da constituição subjetiva de cada *eu*.

A passividade deve brotar em cada indivíduo, sem que ele saiba que é um *eu*. Não se está querendo anular o ser pensante, sendo isso impossível, mas situar o início da moral antes de uma objetificação do *outro* pelo mesmo. Logo,

tratar-se-ia de um novo conceito de passividade, passividade mais radical do que aquela do efeito numa série causal, passividade *aquém* da consciência e do saber, mas igualmente *aquém* da inércia das coisas repousando sobre si mesmo, como substâncias e opondo sua natureza, causa material, a toda atividade. Tratar-se-ia de uma passividade referida ao *reverso* do ser, anterior ao plano ontológico em que o ser põe como natureza, referida a anterioridade ainda sem exterioridade da criação, à anterioridade metafísica (LEVINAS, 1993, p. 90-91).

Levinas demonstra que antes de ser conscientes, ou melhor, antes de ser livre, o sujeito é responsável pelo *outro*. Isso só é permitido devido à reinterpretação da subjetividade, que ganha, diferentemente de toda a tradição filosófica. A ética funda-se na heteronomia do *outro*.

## 2 Minha responsabilidade pelo *outro*

Em toda a filosofia de Levinas está claro que o *outro* é difícil de conhecer, mas o *outro* também é tudo o que *eu* tenho. É necessário criar ou aceitar um espaço de convívio com as diferenças, pois são nelas que nos identificamos o nosso *eu*. O filósofo afirma que é “uma tarefa sem saída e sempre ridícula, pois nada é mais cômico que o cuidado que um ser destinado à destruição tem para consigo” (LEVINAS, 1993, p. 101). Assim, pode-se dizer que a subjetividade do *outro* mostra a minha própria identidade do *eu*.

O *outro* que vem de fora me interpela, não posso dizer-lhe não, sou responsável por ele. “A subjetividade não é um para si ela é inicialmente para o *outro*.” (LEVINAS, 1982) Levinas apresenta que a responsabilidade que não assumi em momento algum, em nenhum presente é um traumatismo que chega ao sujeito, que faz passar de eu ao eu. Pois:

Refém de todos os outros que, precisamente outros, não pertencem ao mesmo gênero ao qual pertença, pois eu sou responsável por eles sem me repousar sobre as responsabilidades deles para comigo, o que lhes permitiria substituir-se a mim, pois até de sua responsabilidade eu sou, finalmente e desde o início, responsável (LEVINAS, 1993, p. 126).

Sou responsável pelo *outro*, mas esta responsabilidade não pode ser esperada de modo recíproco ou esperando gratidão. Pois este seria precisamente o retorno do movimento a sua origem. A responsabilidade pelo *outro* deve ser gratuitamente pura sem esperar benefícios do *outro*.

Portanto, Levinas afirma que “sou responsável pelo *outro* sem esperar a recíproca, ainda que isso viesse a me custar a vida. A recíproca é assunto dele” (LEVINAS, 1982, p.90). Sendo assim que a alteridade só é possível a partir de mim, ou seja, o rosto do *outro* me ordena a servi-lo, sem preocupar-se se ele também assume tal responsabilidade com relação a mim.

Levinas afirma que a relação ética é, portanto, “sofrer pelo *outro* é ser responsável por ele, suportá-lo, estar em seu lugar, consumir-se por ele” (LEVINAS, 1993, p. 119). Logo, o princípio da relação moral é dado de forma heterônoma, na qual o *outro* suscita o movimento de *eu*.

Somos livres na responsabilidade, ou melhor, o *outro* é quem confere (confirma) o sentido da minha liberdade, pois acolher o *outrem* é pôr em prática a minha liberdade. Com isso o homem tem sentido quando se dá na responsabilidade pelo *outro*, pois sou “responsável por [ele] sem me preocupar de sua responsabilidade para comigo, e mesmo por estar do início ao fim sou responsável” (LEVINAS, 1993, p. 102).

### 3 A ética da alteridade

A ética da alteridade vem a ser uma relação assimétrica, ou seja, não resta a resposta do *outro*. Na qual, é relação com a alteridade e tem o *outro* no centro.

A metafísica, a transcendência, o acolhimento do Outro pelo Mesmo, de outrem por mim produz-se concretamente como impugnação do Mesmo pelo Outro, isto é, como ética que cumpre a essência crítica do saber. E tal como crítica precede o dogmatismo, a metafísica precede a ontologia. A filosofia ocidental foi, na maioria das vezes, uma ontologia: uma redução do Outro ao Mesmo, pela intervenção de um termo médio e neutro que assegura a inteligência do ser (LEVINAS, 2002, p.30-31).

A filosofia de Levinas é fundada nos horizontes da responsabilidade e não do enquadramento da alteridade nos horizontes da subjetividade. O foco da ética é, sem dúvida, a subjetividade, no entanto, como um movimento de acolhida e não de posse, domínio ou eliminação da alteridade. Sendo esta, há responsável para balizar, assinar e garantir o cumprimento da proposta ética em Levinas.

A ética se forma na relação entre o *eu* e o *outro*, onde o elemento que constitui a definição do sujeito ético é constituído pelo *outro* e não pelo *eu*. Podendo assim, entendermos que o *eu* é definido pelo *outro* e que a subjetividade tem sua origem fora do *eu*, pois o *outro* me constitui como sujeito.

Para o autor em questão o *outro* sempre precisa ser analisado como rosto. Pois no momento que o *eu* percebe o rosto do *outro*, desde o momento que ele o olha, passa a ser responsável por ele. Esse exercício de responsabilidade que proporcionará a proximidade entre o *eu* e o *outro* não é coincidência.

Levinas apresenta que o rosto do outro fala por si e é única identidade reconhecida pelo *outro* como realidade que se revela sem ser dominado.

A ética fundamentada na Alteridade pretende atingir o sentido e o infinito no rosto do *outro*. É necessário para ter a responsabilidade com o *outro*, ver, sentir e perceber o rosto do *outro* com outro olhar.

A responsabilidade pelo *outro* é tratada como fundamental por Levinas, tendo em vista a questão da Alteridade, que coloca o *outro* no centro, mas no sentido relacional, não como referência última. Nesse sentido, a relação ética torna-se a religião do *outro*, que é fundada na responsabilidade originária do Mesmo pelo *outro*.

Em Levinas, a ética da Alteridade quer contribuir com a sociedade em que vivemos, pois, a fundamentação ética a partir da Alteridade busca tratar, em primeiro lugar, da valorização do humano. O *outro* revela uma transcendência infinitamente além do ser e revela o ser do *eu* como relação natural do Desejo da Alteridade. É sobre estas bases que Levinas busca e fundamenta o sentido da consciência ética, como filosofia primeira.

A provocação do Rosto do *outro* que manifesta o *eu* tem sentido e deixa de ser conceito universal na responsabilidade pelo Outro. Na relação face-a-face do Rosto, realiza-se a acolhida do *outro* como realização subjetiva, não como ajuste ontológico:

A relação ética, oposta à filosofia primeira da identificação da liberdade e do poder, não é contra a verdade, dirige-se ao ser na sua exterioridade absoluta e cumpre a própria intenção que anima a caminhada para a verdade (LEVINAS, 2002, p. 34).

A ética da Alteridade provoca num comportamento de justiça, humildade e observação do *outro*, do acolhimento. A diferença presente no diferente ao ser reconhecido acaba tendo a incidência como uma atitude, pois ético é um fundamento que se manifesta em ações que não visam diminuir nada de ninguém, mas construir nas pessoas a intenção de agir de forma justa, pois o objetivo maior da ética é o Bem a todos.

### Considerações finais

Podemos perceber que Levinas tenta buscar e compreender a identificação do ser, de demonstrar um sentido ao homem com fundamentos morais e éticos, sendo estes princípios na pura heteronomia, ou seja, o *outro* individuo me interpela e manda servi-lo. O seu diferente seu rosto é um convite do eu ser responsável por ele. Sendo que tal responsabilidade somente pode me dar sentido à vida, ou melhor, ao humano.

Para ser humano é necessário ser moral e ir em direção ao *outro* sem esperar nada em troca, fazer e ser responsável sem interesses próprio.

Para a ética de Levinas, a filosofia primeira é o *outro* que é absolutamente alteridade. Ele exige que o encontro ou a comunhão aconteça no respeito à alteridade do *outro*, pois o existir requer que o outro mantenha-se si mesmo, identidade de si mesmo. O rosto do *outro* é um mandamento que exige minha responsabilidade. O *eu* só é entendido na diferença que o *outro* se apresenta.

Ser moral é ser humano e ser humano é ir do mesmo em direção ao *outro* sem esperar a volta do movimento. Devo respeitá-lo, pois é tudo o que temos o *outro*.

## Referências

COSTA, Márcio Luis. **Levinas: uma introdução**. Tradução de J. Thomaz Filho. Petrópolis: Vozes, 2000.

JOÃO, Primeira Epístola de São: In: **A Bíblia de Jerusalém**. Tradução de Joaquim de Arruda Zamith. São Paulo: Paulinas, 2002.

LEVINAS, Emmanuel. **De Deus que vem à Ideia**. Tradução de Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Da existência ao existente**. Tradução de Paul Albert Simon e Ligia Maria de Castro Simon. Campinas, SP: Papirus, 1998.

\_\_\_\_\_. **Descobrimo a existência com Husserl e Heidegger**. Tradução de Fernanda Oliveira. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

\_\_\_\_\_. **Humanismo do outro homem**. Petrópolis: Vozes, 1993.

\_\_\_\_\_. **Ética e infinito: diálogos com Philippe Nemo**. Trad. de João Gama. Lisboa: Edições 70, 1982.

\_\_\_\_\_. **Totalidade e infinito**. Lisboa: Edições 70, 1980.

MELLO, Nélio Vieira de. **A ética da alteridade em Emmanuel Levinas**. Porto Alegre: EDIPCURS, 2003.

PIVATTO, Pergentino. Ser moral ou não ser humano. **Veritas**, Porto Alegre, v.44, n. 2, p.353-367, 1999.

SIDEKUM, Antonio. **Ética e Alteridade. A subjetividade ferida**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2002.

SOUZA, Ricardo Timm. Sujeito, Ética e História: **Lévinas, o traumatismo infinito e a crítica da filosofia ocidental**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1999.